

TOCAR DE OUVIDO

Durante tempos cultivei sabedoria,
Tentada a convencer-me que a agarrava,
Tentando demover-me da empáfia convencida
De supor que inspiração não se pegava.
Ora, cansei de ir contra a natureza das mãos.
Cansei dos falsos toques, dados no saber sem vida.
Se hoje escrevo, como quem toca de ouvido,
É porque me tocam as coisas que ouço.
Ouço as coisas que toco e, pronto, escrevo.

No mais, é só o de menos.

EM PRESTA

Empresta-me você
Pra que eu possa entornar,
Tornar a derramar ainda
Sobre nossa densa pintura
Nova – e não sobre – tinta.
A mim se empreste,
Preste-se a ser minha tela
Prestes a aguar o que pinta,
Presteza de pincel que mexe.
Escute meu pulso, janela
Presença ampla e sucinta
De nosso fazer aquarela,
Para que eu viva na pele
Tudo que sempre se soube,
Mas o saber borrou em guache.
Seja minha moldura sem enquadre:
Em presta, pincela o que (h)ouve
Pra que eu pinte lá onde te ache.

ÓCIOS DO OFÍCIO

Nesses tempos, estranho ofício
Desperto enquanto mal me movo.
Sofro de ócio em carne e osso
E vácuo de tempo largado não me abandona.
Contenho o que não posso contar e mofo
Inerte, fingindo ignorar bolores
No frigir do dia intensamente morno.
Mas corto um dobrado (até coso dizeres),
Coisas serviçais que espanam a poeira.
Ocupa-me o manto de agruras já podres
Enquanto enguiço, junto a aparelhos,
Recolho utensílios inúteis do lar.
Feito objeto, procrastino objetivo
Sem conserto: estrago e me encosto.
Cada dia, pouca missão, nada empregada
Travada no vazio de leito desarrumado
(Moro onde há muito evito descansar).
É verdade: no íterim, recebi a letra,
Bem como lugar de trabalho,
E guardo-a no âmago da sina animada.
Mas ainda pereço no ostracismo,
E cismo de ostra: fixada na pedra,
Preso no vão que não sei comover.
Rija em casa, em casca, encrosta,
Sem pérolas, só osso,
Só ouço: são ócios do ofício.